



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:
Arquitectura
PAPIM

O SECULO

Director artistico:
Marscolletts
PAPUSSE

“Zé” Píreza e os antropófagos



Píreza-colonial
no interior africano—
estavá há perto dum ano,
ausente de Portugal.



Farto de pretos em guerra,
—(antropófagos por vezes.)—
Saudosos dos portugueses
pensa em voltar para a terra!



Mas nisto um bando aparece,
dos tais pretos comilões,
que, no dizer de Camões,
o próprio ar escurece.



Assustadissimo, então,
«Zé» Píreza, abanado,
vendo a bananeira ao lado,
qual tábua de salvação,

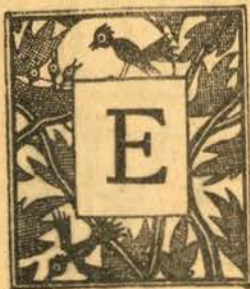
marinha lépido, salta
e dá um pulo tamanho
que foge até do desenho
onde o pés o nosso Malta!



O PRINCIPE DORMINDO

CONTO DE FADAS POR JOSÉ FRANCISCO
DESENHOS DE E. M.

(Continuação do número anterior)



ENTRARAM pela janela do quarto, entre-aberta e, sem o mais leve rumor, o Príncipe beijou a princesa subtilmente, como se beija uma flôr mimosa. Quando, porém, se dispunham a sair, uma fada vestida de sêda azul, saíu da caixa de pó de arroz da princesa e disse ao Príncipe, em ar de repreensão: — quem guarda o sôno da princesa sou eu; o acto que acabas de praticar é incorrecto. No quarto de uma menina não entra nunca um homem e tu entraste sem pedir licença, indo beijar a princesa traiçoeiramente, pelo que serás castigado: dormirás sempre; só um milagre te despertará!

A Lua, titando o céu, tristemente, fez uma pausa e, depois, continuou: Quantos anos lá vão depois disto e ainda ninguém despertou o Príncipe. Como conseguirás tu, ingénua criança, lutar com tão poderosa fada? Em tódo o caso, vai a casa do Vento para êle te dizer onde fica o palácio do Príncipe dormindo, o que eu não sei.

— As palavras da Lua eram um incentivo à energia de Lídia, que, corajosamente, seguiu a sua jornada em busca da casa do Vento, compadecida da desgraça do Príncipe por ter amado tanto. E assim Lídia, seguiu o seu caminho, an-

dando, andando, vendo nascer o sol, até que, já quasi noite, avistou, ao longe, uma casa negra e muito feia.

Que será aquilo? pensou ela.

Chegando lá, percebeu logo que era a casa do Vento, por estar esburacada, com telhas levantadas e, sentada no degrau da porta, uma mulher androjosa, desgrehada, com cara de poucas amigas, que lhe perguntou o que queria.

Lídia, com humildade, disse-lhe se lhe fazia o favor de lhe indicar o palácio do Príncipe dormindo. A mulher agressiva, respondeu-lhe, com mau modo, que só na casa do Sol lhe sabiam dizer o que ela queria, mas que se puzesse a andar depressa, que, se o seu filho vinha, era uma questão, um barulho medonho. Não queria lá ninguém; ali era a casa do Vento e sabia Deus o que a ela lhe custava a aturá-lo. Lídia assustada, apressou o passo e foi em direcção à casa do Sol. Dois quilómetros antes de lá chegar, percebeu que estava perto, porque tudo quanto via era dourado: as pedras as árvores, os rios, as aves e até as nuvens eram douradas no azul do céu, o que ficava tão bem.

A casa parecia um grande guarda-joia.

Lídia achou encantador aquele panorama. Esquecendo o cansaço produzido pela sua jornada, demorou-se a contemplar aqueles efeitos de luz. Chegando à casa, viu abrir-se uma linda janela de cristal, com caixilhos de filigrana, e uma rapariga, vestida à moda do Minho, cheia de cordões de ouro e brincos muito grandes, que lhe perguntou o que

queria. Venho, respondeu Lídia, perguntar ao Sol onde fica, o palácio do Príncipe dormindo. Perguntei na casa da Lua, mas não sabiam. Perguntei na casa do Vento e lá me disseram que só aqui me poderiam informar.

— Espere um pouco, menina. Está quasi a pôr-se o Sol. Ele vem logo para casa e lhe dirá o que souber.

Lídia esperou pacientemente, quando começou a sentir-se um calor ardentíssimo. Era o Sol a recolher à sua casa. Entrou, sorriu para a linda pequena e, ao saber a sua desdita, da melhor vontade lhe deu todas as indicações começando assim: — Querida Lídia, grandes perigos te esperam. O palácio do Príncipe dormindo é guardado por dois leões enormes, tendo na boca as chaves de tôdas as portas do palácio. Tu chegas junto dêles; se estiverem com os olhos abertos estão a dormir, se os tiverem fechados, estão acordados e, neste último caso, não penses em lhes tirar as chaves. Se tiveres a sorte de os encontrar a dormir, tira-lhes as chaves com muito geitinho e mete-lhe o teu lenço na boca, indo em seguida, abrir tôdas as portas, a última das quais é a do quarto do Príncipe. Ele está deitado num divan de sêda azul, encostado a almofadas de penas de cisne. Cobrem-no lindos brocados. O seu cabelo é tão loiro como os trigais maduros e a sua pele é tão branca e aveludada como as pétalas das rosas. Dorme sereno e tranquilo, parecendo que está sonhando com os anjos. Ao lado do divan está uma grande taça de cristal com leite e uma esponja.

Para tirares o encanto áquele formoso Príncipe, tens de lhe banhar o rosto com o leite todo, até à última gota. Olha que ainda é uma tarefa demorada, mas tem paciência que é o último sacrificio.

Tu sei, tudo, porque entro em tôdas as casas, ilumino todos os cantos; a mim nada se me esconde. Vai e que sejas muito feliz, é o que eu te desejo. E beijou-a meigamente. Lídia lá foi, auxiliada por Deus. Teve a sorte de encontrar os leões com os olhos abertos, e, com as suas mãos pequeninas, tirou-lhes as chaves, cautelosamente, mas, substituindo-as pelo seu fino lençinho de rendas. Penetrou no palácio, abrindo tôdas as portas, como lhe ensinaram. Ao abrir a última porta, soltou um grito de surpresa: a descrição que a Lua lhe fizera do Príncipe dormindo estava muito áquem do que ele era. Que lindo era o Príncipe assim a

dormir; nunca os seus olhos tinham visto um homem tão formoso; bem empregadas todas as canceiras. Começou, então, a sua doce tarefa de molhar com leite da taça de cristal o rosto do Príncipe. Lídia, num louco anseio, não desperdiçava o precioso liquido que havia de despertar o homem mais lindo do mundo. Esquecia de todos os sofrimentos, sem vêr o sangue que brotava dos seus mimosos péssinhos, massacrados pelas pedras dos caminhos, ela banhava o rosto do Príncipe, incansavelmente, na esperança de o vêr sorrir.

Como seria o sorriso dêle? Os olhos eram azues, está claro. E a sua voz? devia ser como o chilrear de uma ave. E sonhava, sonhava sempre, quando pensou em si. Ela havia de apresentar-se assim, cheia de poeira, os sapatos róticos, as faces queimadas pelo sol e pelo vento, as olheiras róxas de tantas noites sem dormir? Pobre Lídia! não se lhe acabavam as preocupações! Quando êstes pensamentos tanto a afligiam, o Príncipe despertou. Lídia estremeceu; ajoelhando, resava, chorava e ria ao mesmo tempo, numa alegria louca.

O Príncipe olhou mas nada viu no primeiro momento. Os seus olhos, há tanto tempo fechados, não distinguiam bem. Esfregou-os com uma das mãos, sentou-se no divan e, quando viu Lídia, sorriu. O sorriso dêle era como o rair da aurora. Dir-ginuo-se a Lídia, disse:

— Como pudeste chegar até junto de mim e desencantar-me, se há tantos anos aqui estou? Lídia respondeu: Olhando para mim, podias fazer idéa dos trabalhos que passei para chegar aqui, mas dou tudo por bem empregado por vos vêr restituído à vida e à felicidade. Assim que Lídia quebrou o encanto ao Príncipe, apareceram criados e criadas que estavam encantados em diferentes móveis. Lídia foi conduzida aos aposentos mais ricos do palácio, dormiu dois dias sem acordar e, nesse entretanto, o Príncipe mandou vir o mais rico e elegante enxeval, avisou os pais e irmãos da noiva, deu todas as ordens para uma festa muito bonita. Quando Lídia acordou, estava tudo preparado para um casamento, que se realizou na capela do palácio. Lídia, toda de branco, ia tão linda que parecia uma estrela e o Príncipe dormindo, vestido de brocado, parecia o Sol num dia sem nuvens.

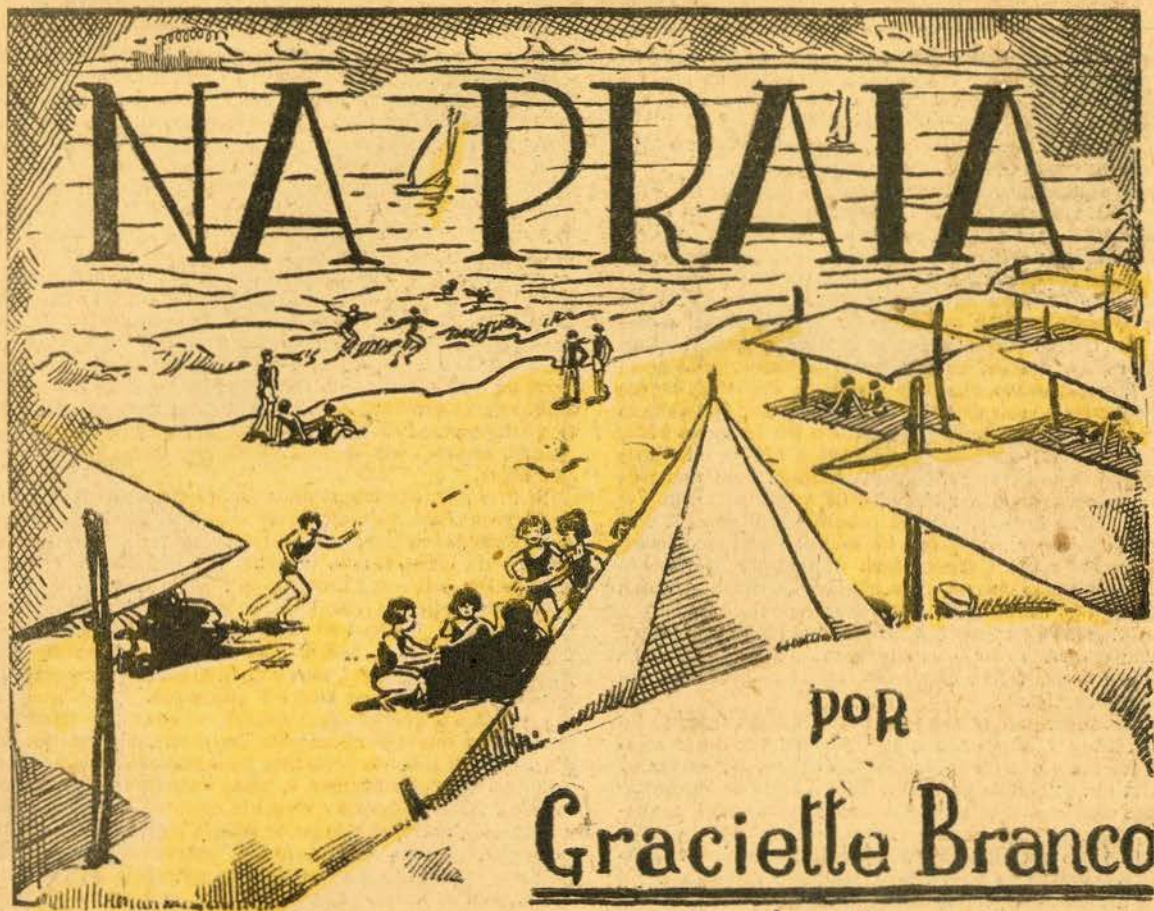
F I M



Decifração do conto hieroglífico O SALOIO e a BOMBA

Um saloio foi a uma loja para comprar uma bomba para a quinta. O caixeiro garantiu que com o aparelho, teria água. Passados dias voltou o saloio indignado:

— Você é um pantomineiro!
— Mas oiça cá. Que profundidade tem o poço?
— Essa é boa! Então, acredita que se eu tivesse um poço precisava da bomba para tirar água?



por
Gracielle Branco

(desenhos de e. m.)



BÉBÉ, à beira do mar,
com outra linda criança,
não se cança
de brincar!

Com grandes porções de areia,
que transportam em mão cheia
ou nas pãzinhas baratas,
constroem barcos, vapores,
«gasolinas» com motores,
canoas, navios, «chatas»...

Baixados,
todos curvados
sobre a tarefa importante,
Bébé e a outra criança
não veem que o mar avança
como terrível gigante...

As mãozinhas espalmadas
batendo na fofa areia,
cheia
de scintilações...
Os pequenos corações
em delirantes pancadas
de Alegria!...
(Jesus! Mas, aí, quem diria
que o mar subia, subia,
como terrível gigante!...)

Já o Bébé, triunfante,
acabava de brincar,
quando,
olhando
para o mar,
berrou,
gritou
com horrôr



— «Ai, Zézé! Vem, sem demora,
para ao pé da nossa mãe!
Olha o mar onde já vem!
Anda, Zézé! Vem-te embora!»

E Bébé, com muito siso,
agarrou na sua pá,
e fugiu já, já, já, já,
como se fôsse um senhor,
todo cheio de juízo...

E, de longe, inda gritou:
— «Zézé! Zézé! Olha o mar!»

Mas o Zézé, a brincar,
respondeu: — «Não vou. Não vou,
Cala-te! Vê se sossegas!
Deixa-me em paz, por favor!
Não te faças tão piegas!
Quero acabar o vapôr.»

Mas, de repente — Jesus!
Zumba! Zumba! Catrapuz!
O mar,
sem já recuar,
revôlto, cruel, ligeiro,

encharca o feio rabino
que é salvo, bondosamente,
por previdente
banheiro
que fá a passar muito perto,
(mais previdente, decerto,
do que os Papás do menino...)

E quando o outro Bébé,
cheio de muito juízo,
lhe disse: — «Vês?!... É preciso
não ser teimoso, Zézé!...»
O Zézé, envergonhado,
pondo os olhinhos no chão,
respondeu: — «Tu tens razão.»



Prometo, do coração,
ter sempre muito cuidado
porque o fatinho molhado
já me serviu de lição».



A DESFORRA

POR GAROTA ENDIABRADA



RA linda em criança. Olhos meigos, profundos, sonhadores, inocentes.

Cabelos quasi louros, aos caracóis, caindo-lhe graciosamente em aneis irrequietos sobre os ombros frágeis.

Tinha um ar meigo; figurinha de anjo, quasi etérea.

A infância decorrerá-lhe feliz e tranqüila entre os carinhos dos Pais que a estremeciam e os folguedos proprios da idade, em

que tomavam parte activa os seus dois amiguinhos, Gustavo e Frederico. Ao baptisarem a boneca preterida, era sempre Gustavo, com o seu ar varonil, que servia de Papá do gentil bebê de cabelos de estôpa e cara de porcelana...

A pia baptismal iam elles improvisá-la no regaço da mãe que os oitava embevecida.

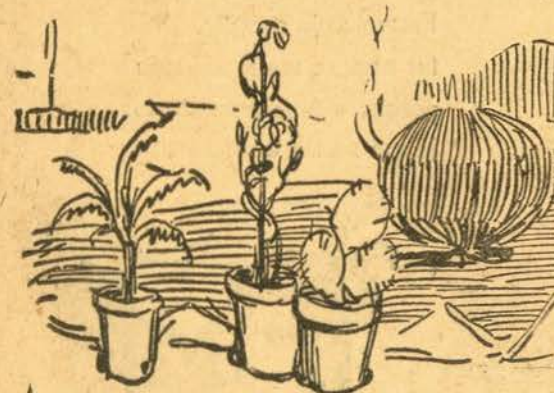
Frederico, mais sério, menos alegre, mais ponderado, servia de sacristão para acompanhar os amiguinhos.

E assim, as três crianças amicíssimas iam crescendo e brincando juntas. Um dia, porém, por motivo de negócios dos Pais, Maria Eulália teve de se separar do seu grande amigo, que se habituara a estimar ingenuamente como paladino dos seus sonhos de criança. Chorou muito, levou o coração oprimido numa grande tristeza. Também elle se sentia só e triste ao separar-se da sua companheira querida, e jurou que nunca a esquecerá.

Passaram-se anos. Crescendo numa atmosfera má e cheia de dificuldades, Maria Eulália estava magra, entesada e triste.

Da antiga criança restavam apenas os mesmos olhos negros, sonhadores, inocentes!

Os cabelos, em aneis escurecidos, davam-lhe ao rosto velado um ar triste, mas profundamente encantador.



Quiz o acaso que voltasse a encontrar o seu amigo de infância, aquele que nunca ainda lhe saíra do pensamento.

Estava já um homem. Cursava direito. Foi com ar distraído, e quasi sem reparar nela, que Gustavo lhe ouviu falar, com o peito opresso e os olhos velados de lágrimas, dessa infância querida, que ela recordava com saudade.

— *Vai deixar-me, parte para esse mundo que se me afigura cheio de tentações e esquecimentos!* — soluçou ella. — *Não* — voltou por cortezia — *Os amigos de infância não se esquecem; e nós fomos tão bons amigos!*...

— *Bons amigos!* A sua intelligência arguta não escapou o verdadeiro sentido da frase. Gustavo não a amava.

O sonho que tantos anos acalentara desfazia-se dolorosamente na realidade.

Ele partiu. E esse coração ferido que sangrara, sangrara... compreendeu por fim que a seu lado se conservara sempre fiel, sempre apaixonado, o tímido Frederico.

Compreendeu toda a beleza desse amor e correspondeu-lhe com todas as veras do seu coração, aceitando-o para noivo.

Concluidos os estudos, Gustavo regressou à sua terra natal. Ao ver a sua antiga amiguinha ficou maravilhado. Maria Eulália estava formosíssima. Desabrochara uma ridente formosura que a todos encantava. Tristemente, dolorosamente, elle supplicou:

— *Esqueceu-me, vai casar em breve, Maria Eulália?*

— *Oh! não* — voltou-lhe ella com um sorriso deslumbrante em que deixava admirar uma fileira de dentes, admiravel — *Os amigos de infância não se esquecem; e nós fomos sempre tão bons amigos!*...

FIM



HORA do RECREIO

O copo que não trasborda

ENCHAM até cima um copo de vidro fino, coloquem-no sobre um prato e perguntem aos vossos amigos quantas moedas poderão ser metidas nesse copo sem que o líquido trasborde.

As opiniões são variáveis, mas quasi todas dizem menos do que, de facto, se podem meter nesse copo, como vamos explicar.

Uma a uma, vão-se metendo as moedas com toda a precaução.

A água vai subindo, formando um arco e chega a fazer um ângulo bastante pronunciado se não estremecerem a mesa em que esta operação fôr feita, ou não meterem as moedas precipitadamente.



ANEDOTAS

Um pai para o filho, que é muito preguiçoso:

— Que queres fazer quando fores mais crescido?

— Quero fazer calendários.

— Calendários? Para quê?

— Para meter em cada semana três domingos!

Um ricaço, não sabendo em que empregar grande porção de dinheiro disponível que tinha, foi ter com um amigo a quem disse:

— Olha lá, . . . desejava empregar o meu dinheiro, mas em coisa que subisse. Que me aconselhas tu que faça?

— Compra foguetes e balões; — respondeu o amigo.

Tiódilo Soares Reis

ADIVINHA

Substituir os pontos por letras, para se encontrar o nome de vários países europeus.

L.....
A
H.
A
 P.....
 ..S....
A
 .O.....
G..
I.
A
R.

DOMINGOS PEREIRA



desenho para tracejar e colorir

O BEBÉ e o ANIMATOCRAFO

POR

ANIBAL
NAZARE

DMUNIZIO e M.S.



Ontem à tarde, BeBé
bateu o pé,
e chorou, que me fez pena!
Eu pude saber então
qual era a sua ambição:
Bebé quer'ir ao Cinema!
Se está a rir ou a gritar,

Bébé, está no seu elemento!
E a sua voz de estentor
parece querer imitar
o tambor
dum regimento
a tocar!

Bébé adora Charlot!
E o avô
que tanto adora o traquinas,
leva-o bastante a miúdo
às paródias do Pencudo

e à sisudez de Pamplinas!
Mas o que não faz sentido
é Bébé
que bate o pé
e faz um grande alarido
quando lhe dizem: — caluda! —
ser afinal um perdido
pela «Arte Muda»! . . .

Pois se Bébé, que é um amor,
lhe dá p'ra rir ou gritar,
a sua voz de estentor
parece querer imitar
o tambor
dum regimento
a tocar!

CONCURSO DE DESENHO com fósforos

Em virtude da extraordinária afluência de provas ao nosso Concurso, só no próximo número poderemos reproduzir os três melhores desenhos e publicar a lista dos autores mais classificados.

Como todos os dias nos teem sido enviados desenhos, prevenimos os nossos leitores de que já se encontra encerrado o Concurso e de que brevemente abriremos outro, mais sensacional.

AVISO IMPORTANTE

Encontram-se à venda em todas as tabacarias do país, os últimos exemplares da linda construção de armar a 3 côres.

O AVIÃO "JUNKERS"
modelo perfeito do taxi-aéreo, muito fácil
de armar, ao preço de

1\$50

Querendo recebe-la com o porte absolutamente

GRATIS

Enviem um vale do correto desta importancia a

**A. C. LOPES
AMADORA**